

ENTREVISTA

Silas Queiroz
Desenhista, Diretor e
Ator de teatro

“Se tem personalidade dentro do meu corpo, é muito importante mostrar para o mundo as emoções, as histórias vividas...”

Conte-nos um pouco sobre a sua história...qual a causa de sua surdez?

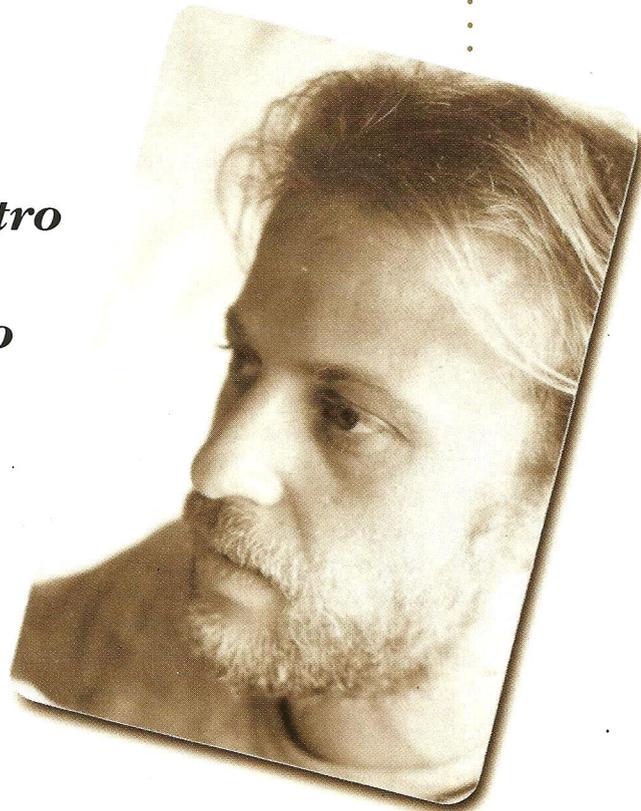
Fiquei surdo aos 4 anos, foi seqüela de meningite. Nessa época eu já morava no Rio, vim prá cá aos 3 anos.

Como iniciou sua vida escolar?

Uma tia, que morava em Laranjeiras, conhecia o instituto. Minha família morava numa zona rural, perto de Recife, e era muito pobre. Quando fiquei surdo, resolveram, orientados por essa tia, que eu deveria estudar no INES. Aqui entrei aos 6 anos e permaneci até os 13.

E como foi estudar aqui?

Eu não sabia que vinha para uma escola, ninguém me explicou nada. Zero de informação. Eu estranhei tudo, mas fiquei calmo. Não conhecia sinais. Entrei pela manhã e achei que à noite voltaria para casa, mas ninguém veio me buscar. Fui levado para o terceiro andar, onde ficavam os dormitórios. Estranhei tudo: o cheiro das roupas e do lugar...não era meu.



Sua família não explicou nada para você?

Não havia nenhum movimento de comunicação por parte da minha família comigo. Eu me sentia sozinho e tudo que eu consegui aprender foi através da minha percepção de mundo, que desenvolvi sozinho, comigo, mesmo. Logo que entrei, fui para o ensino infantil, que era maravilhoso! Ficava brincando com as crianças...eu amava as professoras! A Orquidéa, Alba, Luzia...elas me treinavam enquanto mostravam os objetos: bola...boneca...carro, e iam falando. Eu fiquei contente, porque descobri que podia falar. Os professores falavam:

— Calma...você parece ser muito curioso!!! Quando eu descobria que podia falar o nome de algum objeto, eu queria levá-lo para casa, para treinar. Eu ti-

nha pouca língua de sinais...

E a descoberta da língua de sinais? Como aconteceu?

Eu via um sinal (por exemplo, sinal de ferro). Quando eu ficava sozinho, ficava pensando naquele sinal, tentando descobrir o seu significado. Eu o associava com o objeto. Quando eu via novamente os sinais nas mãos de alguém surdo, eu perguntava o que queria dizer. Meu último professor foi o Geraldo¹, que aos 20 anos me ensinou a falar junto com os sinais.

E a escrita, como aprendeu?

Aos 13 anos, eu descobri a escrit e que eu não sabia escrever. Pensei: como vai ficar a minha cabeça? Eu não quero ficar burro! Chorava muito em casa. Queria aprender o português

¹Geraldo Cavalcanti: professor aposentado do INES; autor do Método OGNDD— Oral, Global, Natural, Direto, Dedutivo.

escrito. Fui para uma escola em Copacabana e fui aluno do prof. Barreto e da prof^a. Orquidéa, mas o problema era: como pagar? Lá eu tinha aula só de português escrito, não tinha aula de português oral. Quando cresci, ficava olhando as pessoas, os lábios e me perguntava: — Por que não? Prestava atenção aos lábios dos outros. Uma vez, minha mãe me pediu para comprar batatas. Eu olhava bem para a batata e pensava na batata. Eu via as pessoas falando ‘batata’ e fui comprar. Pedia várias vezes ao vendedor e ele não entendia e perguntava: — O que quer?, insistindo. Eu mostrava a batata, mas ele não entendia. Eu ficava muito nervoso e desistia. Ia embora chorando muito. Faltava comunicação. Minha mãe sempre mandava meu irmão junto comigo e na rua as pessoas perguntavam: — O que aconteceu com ele? E o meu irmão explicava que eu era surdo.

Você nos falou que olhava para os outros e que tinha vontade de “roubar a voz das pessoas”... Explique melhor isso.

Aos 3 anos eu cantava, tinha uma voz linda. Até hoje lembro da minha voz, da música que cantava. Eu percebia as vozes...umas eram mais fortes, outras mais fracas. Eu tinha necessidade de tocar as pessoas para perceber a vibração do corpo durante a fala. Eu co-

locava a mão na televisão para sentir o som. Parecia um cego...tocava tudo para sentir os sons. No rádio, eu passava as estações e parava naquela que tinha música. Eu adorava sentir a música.

Você sempre gostou de música?

A música era uma paixão. Com 7 anos, eu comecei a tocar violão. Meu pai tocava e eu só observava. Queria aprender, mas meu pai não me ensinou. Eu pegava o violão sozinho e treinava escondido. Adorava sentir a vibração do violão no meu corpo. Aos 14 anos, descobri o Roberto Carlos, Vanderléia, Jair Rodrigues...aquelas músicas da Jovem Guarda: “Pare agora!...” “Deixa que diga, que”, “De que vale o céu azul...”. Eu olhava a boca dos cantores e compreendia. Hoje em dia eu não entendo nada. É muito confuso!

Quando eu tinha 5 anos, durante uma brincadeira, meus amigos ouvintes me chamaram para cantar num microfone de vassoura e lata. Quando começava a cantar todos zombavam de mim. Muitos anos depois, me reencontrei com um dos meus amigos e fui logo falando: — Como vai você? Há quanto tempo...que saudades! Meu amigo ficou surpreso de me ver falando e eu fiquei feliz.

E quanto ao estudo? Foi até que série?

Até a oitava série do 1º grau. Depois fiz cursos no SENAC: decoração, pintura e até o 2º grau incompleto. Esse curso eu fazia com um amigo ouvinte, que me ajudava, mas depois o curso acabou.

Como começou sua vida profissional?

A Orquidéa me convidou para fazer uma perspectiva de um desenho de armário para ela usar na aula. Aí, um amigo também surdo viu e, como o pai dele era empresário, convidou-me para trabalhar junto com ele na loja — *Celina Design* — estou lá nesta mesma loja há 26 anos.

Como foi seu começo com o teatro?

Na minha rua, me chamaram para participar de um grupo de teatro de ouvintes. Eram 14 ouvintes e eu que era surdo. Eu tinha 14 anos, mas antes disso, já começara fazendo teatro no INES aos 7 anos. Primeiro fiz uma peça histórica: “Independência ou Morte”. Depois fiz a “Vida de Jesus”.

Como era ensaiando o teatro? Vocês entendiam o que estava sendo feito?

O professor William Felipe, de Educação Física, é que ensai-

ava teatro com a gente. Nós entendíamos, sim. Era um teatro simples. Era fácil.

Depois, onde você estudou teatro?

Aos 30 anos, fui convidado para participar de um grupo de teatro no Glaucete Rocha. Eu e mais dois surdos.

Não havia grupo de surdos fazendo teatro?

Não, a primeira vez foi um amigo surdo que me convidou e eu convidei o Nelson Pimenta para fazer um grupo de surdos. A nossa primeira apresentação foi nos 35 anos do Clube Alvorada. O nome da peça era "O Ponto de Ônibus".

Em que ano foi isso?

Não lembro bem, acho que foi em 1970.

Como foi essa experiência?

As pessoas ficaram admiradas, vieram pessoas de fora, de São Paulo, Minas Gerais. Foi ótimo. Eu organizei tudo.

Em outros estados não havia teatro?

Em Curitiba, eu conheci um grupo, mas eles só falavam, não faziam sinais e eu não entendia nada. Senti que era preciso fazer teatro para os surdos entenderem. Então, aproveitei o aniversário do Alvorada e organizei a peça.

Como você deu continuidade ao seu trabalho?

Depois da apresentação do Alvorada, o grupo parou. Então, conheci a Luzia Montenegro que era diretora do teatro Glaucete Rocha. Ela me convidou para fazer um trabalho. Nós, surdos, criamos uma peça "Loucos Quadrinhos". Ensaíamos 6 meses e apresentamos umas três vezes no INES em 1987. Numa dessas apresentações, a atriz Marieta Severo, que assistiu à peça, foi ao camarim e abraçou a todos e disse que o nosso trabalho era muito bom. Ficamos muito emocionados.

E depois?

Fomos a um festival de teatro em Arcozelo, com vários grupos de teatro. Nossa apresentação foi um sucesso. Ganhamos um prêmio de melhor grupo. Foi maravilhoso! Ganhamos também um prêmio de 1º lugar aqui no Rio, no João Caetano. Também era um festival de grupos teatrais.

Qual foi a importância do teatro na sua vida?

Uma paixão. Desde criança sempre sonhei em trabalhar com teatro. De qualquer maneira, como ator, diretor, cenógrafo, figurinista. Eu adoro o ambiente de teatro. Eu me sinto livre, nu. E fico nu mesmo, se for preciso.

Não tenho vergonha. Infelizmente não pude ainda fazer uma faculdade de teatro porque não consegui terminar o 2º grau. Meu sonho agora é fazer um curso de teatro no exterior: Estados Unidos, Espanha, França. Mas não tenho condições financeiras para tanto.

Qual a importância do teatro para as pessoas surdas e ouvintes?

O mais importante é o que o teatro pode comunicar. É também o contato com o público. O teatro com atores surdos precisa de intérpretes para os ouvintes. No teatro com atores ouvintes, precisa-se de intérprete para os surdos.

Você quer dizer mais alguma coisa?

Se o corpo não tem personalidade, se é vazio como a morte, é melhor parar a vida. Se tem personalidade dentro do meu corpo, é muito importante mostrar para o mundo as emoções, as histórias vividas, tanto para crianças como para os adultos. E quando assistimos ao teatro, tudo parece real e de verdade. Quem não ama não vive!